

# **ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA EM ASSENTAMENTO RURAL: CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO DIALÓGICO**

Andreliza Cesar de Oliveira<sup>1</sup>  
Kelci Anne Pereira<sup>2</sup>  
Paulo Eduardo Gomes Bento<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Este artigo refere-se a um projeto de extensão universitária desenvolvido pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa, da Universidade Federal de São Carlos – Niase/UFSCar, junto a um grupo de mulheres - Alimento e Vida do Assentamento Rural Terra Nossa/Horto Aimorés (Bauru/Pederneiras – SP). O objetivo do projeto é contribuir com a autonomia de mulheres rurais, por meio de ações educativas no campo da economia solidária, das desigualdades de gênero e da prevenção da violência de gênero. A partir do referencial teórico-metodológico do Feminismo Dialógico, ancorado no conceito de Aprendizagem Dialógica, as práticas estão respaldadas na dialogicidade e na ação comunicativa, focalizando a identificação, denúncia e problematização das exclusões sociais sofridas por mulheres, e, ao mesmo tempo apoiando a organização e implementação de ações e parcerias, com vistas à equidade de gênero e à formação política e técnica para a autogestão. Os resultados do projeto apontam para a inquebrantável unidade entre igualdade social e respeito às diferenças, evidenciando tanto a potencialidade transformadora da economia solidária e feminista ao desenvolvimento dos assentamentos rurais, quanto os limites sócio-econômicos e ideológicos que o modelo capitalista lhe impõe.

## **Introdução**

Este artigo refere-se a um projeto de extensão universitária desenvolvido pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da UFSCar (NIASE) junto ao grupo de mulheres “Alimento e Vida”, do Assentamento Rural Terra Nossa/Horto Aimorés (Bauru/Pederneiras – SP), desde março de 2009. Este projeto tem como objetivo contribuir com a autonomia de mulheres assentadas estabelecendo-se em três âmbitos de atuação: organização produtiva, voltado ao fabrico e comercialização de pães e outros alimentos agroecológicos; aumento da escolaridade das mulheres e da qualificação profissional; reflexão e atividades educativas para as questões de gênero.

---

<sup>1</sup>Estudante de Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Coordenadora do Grupo de Economia Solidária do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa – NIASE/UFSCar, participando do Grupo de Ação e Estudos de Gênero e Feminismo Dialógico. [liizza@yahoo.com.br](mailto:liizza@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Coordenadora do Eixo Vida Adulta do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa – NIASE/UFSCar. [kelcipereira@gmail.com](mailto:kelcipereira@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutor em Engenharia de Produção. Professor Adjunto do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Coordenador do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa – NIASE/UFSCar. [paulobento@dep.ufscar.br](mailto:paulobento@dep.ufscar.br)

No intuito de refletir sobre tal projeto, de caráter interdisciplinar, inicialmente apresentamos o conceito de aprendizagem dialógica, referencial teórico e metodológico adotado. Com base nas elaborações sobre a dialogicidade de Freire (2005) e na ação comunicativa de Habermas (1987), o conceito de aprendizagem dialógica vincula-se a uma proposta de sociedade igualitária e justa para todas e todos. Em seguida, o artigo apresenta o conceito de feminismo dialógico, teoria desenvolvida por Puigvert (2001) no intuito de incluir todas as mulheres no discurso feminista e pensar nos movimentos coletivos e sociais de mulheres como base para o movimento feminista.

A partir disso, refletimos sobre a histórica exclusão das mulheres, denunciando os mecanismos pelos quais se apresentam como base para a compreensão das formas de superação destas desigualdades de gênero. Neste movimento dialético, destacamos os condicionamentos que o atual mundo do trabalho apresenta em termos de obstáculos à autonomia feminina, buscando, na economia solidária, possibilidades de trabalho criativo e decente para mulheres.

Em seguida passamos a discorrer sobre o desenvolvimento do projeto de extensão do Niase com as assentadas do Horto Aimorés, descrevendo e analisando, diante dos objetivos do projeto, as atividades desenvolvidas e resultados alcançados.

## **1. Bases teóricas- metodológicas do projeto**

### **1.1 A aprendizagem dialógica**

Para o desenvolvimento deste projeto nos pautamos na Aprendizagem dialógica, conceito desenvolvido pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades – CREA, da Universidade de Barcelona, baseado na teoria da dialogicidade de Freire (2003, 2005) e na teoria da Ação comunicativa de Habermas (1987). Tal conceito concebe a aprendizagem considerando que:

- as pessoas são sujeitos constitutivos do e no diálogo intersubjetivo, além de atuantes no contexto social, por isso, capazes de transformação.

- há uma estrutura dual de sociedade, sistema e mundo da vida, que envolve a ação dos sujeitos e dos sistemas que estes elaboram, os quais, ao mesmo tempo, condicionam a atuação dos próprios sujeitos;

- o conhecimento como resultado da interpretação intersubjetiva da realidade, pois a racionalidade vincula-se não ao acúmulo do conhecimento, mas ao uso que se faz dele, a partir da possibilidade de escolha;

- dialogar é opção e disposição das pessoas para que em conjunto possam denunciar e também anunciar o mundo, assim o diálogo é um fenômeno humano constituído pela palavra verdadeira: a ação e a reflexão.

Baseada em tais concepções, a aprendizagem dialógica se apresenta a partir de sete princípios, pelos quais é possível compreender o desenvolvimento do projeto realizado com o Grupo de Mulheres assentadas:

- Diálogo Igualitário: considera nas falas a função e validade dos argumentos e não a posição de poder que ocupa ou não as pessoas que estão na interlocução. No tocante ao projeto em questão, possibilita que os acadêmicos e estudantes repensem e questionem suas proposições teóricas e ao mesmo tempo as assentadas refletem sobre suas realidades, para poder nela intervir se constatarem necessário;

- Inteligência Cultural: compreende que todas as pessoas possuem as mesmas capacidades de participação no diálogo igualitário, no entanto são capacidades distintas seguindo diferentes contextos. Neste sentido todas as pessoas possuem inteligência e não há culturas inferiores, fatos que geram confiança e possibilita a aprendizagem entre as diferentes pessoas. Assim, entende-se que os estudantes e acadêmicos também apreendem com as assentadas nestas interlocuções que permitem a integração dos diferentes conhecimentos.

- Transformação: por meio do diálogo guiado pela validade dos argumentos, o fato de compartilhar distintos pontos de vistas e análises possibilita um processo de mudança pela transformação interna (de cada participante) e pela transformação externa (que se busca em benefício de todos). Podemos destacar no projeto a transformação na participação das mulheres envolvidas, uma vez que, estas passam a participar dos espaços que anteriormente não participavam por se verem excluídas por conta das realidades vividas por muitas delas enquanto mulheres, negras, mães, assentadas, ou analfabetas (Mello, 2005);

- Dimensão Instrumental: Acesso ao conhecimento instrumental que advém da ciência e da escolarização, este conhecimento é considerado na aprendizagem dialógica pela perspectiva dos conhecimentos e habilidades que são socialmente necessários possuir. E a diferença desta perspectiva, segundo Flecha (1997), esta na definição conjunta com as pessoas dos objetivos e procedimentos destes aprendizados. Neste princípio destaca-se a capacitação produtiva e a escolarização das assentadas;

- Criação de Sentido: propõe a criação de sentido entre os grupos e pessoas, sendo a participação fator importante para a criação de sentidos, pois o sentido ressurg

quando as interações entre as pessoas são dirigidas por elas mesmas. No contexto do projeto as assentadas recuperam sentido na geração de renda a partir de práticas coletivas e agroecológicas, aproveitando os recursos e saberes locais, e promovendo a segurança alimentar;

- Solidariedade: este princípio permite que juntas/os nos coloquemos a favor da participação, luta e ações para as melhores condições de vida de todas e todos. No projeto em questão pode-se perceber a busca pela transformação de terra de exploração à terra de trabalho, por meio da organização destas mulheres no movimento da economia solidária;

- Igualdade de Diferenças: todas as pessoas têm o igual direito de pensar e viver de maneira diferente e ser igualmente respeitadas por isso. A diferença é importante desde que se efetive o igual direito para cada um viver sua diferença, porém, na nossa sociedade muitas vezes as pessoas não têm a possibilidade ou oportunidade de escolher ser diferente. Assim, é fundamental pensar a igualdade e a diferença como fatores que se complementam, pois quando pensamos igualdade sozinha podemos homogeneizar e quando pensamos apenas o direito a diferença podemos entender que há oportunidade igual para todas/os serem diferentes. Portanto, na aprendizagem dialógica a igualdade e a diferença não são desvinculadas. No que diz respeito ao projeto, possibilita a problematização a superação das desigualdades das relações de gênero no assentamento, para superar a ideologia machista e sexista que acaba por submeter muitas mulheres.

Baseando suas ações e pesquisas nesta perspectiva, o Niase conheceu a realidade do assentamento Terra Nossa/Horto Aimorés e desenvolve junto ao grupo de mulheres solidárias “Alimento e Vida” um projeto de extensão, na busca da reflexão e transformação das desigualdades das relações de gênero e exclusões que tais mulheres enfrentam. E é a partir destas buscas que o Feminismo Dialógico, que possui a Aprendizagem dialógica como base teórica, contribui para ao diálogo e ações relativos às desigualdades de gênero neste contexto.

## **1.2. Feminismo Dialógico**

A teoria do feminismo dialógico, desenvolvida por Puigvert (2001) a partir da Aprendizagem dialógica destaca-se como base teórica/metodológica para as ações e estudos em busca da superação das desigualdades de gênero no contexto social atual, pois este feminismo se traduz pela ação coordenada de todas as mulheres, sem

discriminação de nível de estudos ou posição social, para juntas enfrentarem as dificuldades que sofrem enquanto mulheres.

Para Puigvert (2001), as ações coletivas das mulheres, mobilizando mulheres dos diversos setores sociais, ajudaram a superar as situações e posições desiguais, ao possibilitar o fortalecimento e a autonomia destas mulheres para poderem estar e atuar nos diferentes espaços sociais. Muitas mulheres já estão somando seu discurso e suas lutas pelo feminismo dialógico, pois pautam suas ações no diálogo, na igualdade e na solidariedade. Como exemplo, temos as feministas reunidas em grupos solidários e organizadas com vistas a consolidação de oportunidade de trabalho autogestionário e renda.

Segundo Puigvert (2001), estas mulheres, ao procurarem basear suas relações no diálogo e no consenso, valendo-se do poder do argumento e não do argumento de poder, rompem com o autoritarismo e com o fatalismo histórico proferido por algumas teorias sobre as relações de gênero. Estas são, para a autora, “las otras mujeres”, mulheres que nunca pretenderam enfrentar as situações de opressão que sofrem valendo-se da dominação e do mando, mas que fazem a opção política por tomar os princípios da democracia como orientadores de suas lutas por libertação, valendo-se de recurso e instrumentos que lhes permitem se relacionar com as outras pessoas de forma igualitária. No entanto, muitas vezes estas outras mulheres, que apesar de estarem no movimento de base transformando suas ações cotidianas, são desconsideradas em alguns discursos feministas acadêmicos.

Assim, é de fundamental importância para o feminismo dialógico o princípio da igualdade de diferenças, pois as ações, pesquisas e projetos que se desenvolvem baseados neste conceito, consideram a não homogeneização do movimento feminista, já que há diferentes mulheres e desejos, e também levam em conta as desigualdades sociais, pois nem todas as mulheres têm a mesma oportunidade para escolher ser diferente.

Logo, o feminismo dialógico é de fato uma possibilidade de superação das desigualdades de gênero, pois promove o diálogo entre diferentes realidades, ou seja, recupera temas que parecem superados para alguns grupos de mulheres que acabam somente pensando as relações de gênero a partir de sua própria realidade ou estudos esquecendo, assim a realidade que vivem as outras mulheres. Neste sentido, o diálogo entre estas diferentes realidades vivenciadas por distintas mulheres contribui para que estas mulheres com suas diversidades e em conjunto, construam os discursos,

reivindicações e práticas do movimento feminista, somando, assim, as vozes das outras mulheres ao movimento feminista.

## **2. Desigualdades de gênero, mundo do trabalho e economia solidária**

A submissão e a exclusão das mulheres ocorreram, e ainda acontecem, ao longo dos tempos em diversas sociedades, resultado de práticas sociais e históricas baseadas na ideologia machista e sexista pela qual se educaram homens e mulheres. Fruto desse processo social histórico, aprofundado no capitalismo, a contemporaneidade continua apresentando a desigualdade entre homens e mulheres, conferindo maior poder ao homem, como um forte obstáculo ao desenvolvimento humano e gerando especial prejuízo às mulheres (CHERFEM, 2009).

Como desvela Whitaker (1988), os mecanismos de diferenciação entre mulheres e homens são muitas vezes ideologias<sup>4</sup> cujos mecanismos ocupam-se de naturalizar as desigualdades de gênero, como se fossem inatas, ou seja, como se apresentadas no próprio aparato biopsíquico de que são que dotados homens e mulheres. Assim, compreender as relações de gênero é de suma importância para se pensar e agir criticamente enquanto sujeito social, pois, como ainda afirma Whitaker (1988), são relações de poder.

Pensando o debate acerca de exclusão, é importante trazer para este o olhar do feminismo dialógico, o qual pontua que as desigualdades e exclusões também ocorrem entre as próprias mulheres.

As questões de gênero perpassam todas as relações sociais, com as diferentes práticas educativas que estas compreendem. Deste modo, se torna fundamental nas aprendizagens e relações que perpassam nosso contexto social pensar as diversidades e o respeito às mesmas, já que as pessoas são diferentes umas das outras, mas tais diferenças não podem ser usadas para legitimar as desigualdades.

---

<sup>4</sup> De acordo com Whitaker (2003), *ideologia* é uma estrutura de pensamento que destrói valores, representa uma falsa consciência. Já a cultura humaniza, pois possibilita percebermos que há diferentes formas de viver. Segundo a autora, o conceito de cultura foi criado pela antropologia para compreender os outros povos e sociedades não ocidentais, e a ideologia foi criada pela sociologia para desvelar a sociedade ocidental. Assim, a autora entende que "... enquanto a cultura tem uma série de valores ethos, a ideologia vem, invade a cultura e se apodera desses valores. E aí usa esses valores no sentido de desintegrar ao invés de integrar"..

Saffioti (2004) destaca a importância de se compreender o conceito de gênero como um “nó”, pois as relações e desigualdade de gênero não podem ser estudadas e resolvidas sem problematizá-las com as questões de classe e etnia/raça. Há, portanto, uma conexão entre as questões de gênero, raça e classe, pois algumas mulheres sofrem ainda mais pelo agrupamento<sup>5</sup> destas desigualdades. Por isso destaca-se a possibilidade de analisar o conceito de gênero pensando também estas outras questões para potencializar a transformação de tais desigualdades. É neste sentido que os movimentos como o feminista, gay, negro e de luta pela terra, por exemplo, preocupados com a superação das exclusões e desigualdades, buscam a transformação e também revelam que o contexto social não tem possibilitado o diálogo, convivência e os direitos igualitários para a complexidade e pluralidade social.

Dentro da lógica social em que vivemos, a qual se estrutura a partir de um conjunto universal de homem, sempre remetendo-se ao branco, heterossexual valorizando as práticas masculinas em relação às femininas, as práticas e avanços urbanos em relação aos rurais, destaca-se a importância das mulheres assentadas poderem compartilhar seus saberes percebendo a importância de seus conhecimentos e também poderem mudar e transformar suas realidades dialogando com algumas instituições sociais, bem com o próprio movimento feminista.

É importante que as diversidades dialoguem e se respeitem, de forma que cada qual tenha o igual direito de ser diferente. Assim como afirma Whitaker (1988), há, de fato, diferenças entre mulheres e homens, mas elas não devem ser usadas e transformadas em desigualdades sociais, as quais se legitimam na inferiorização das características femininas. Portanto, é de fundamental importância problematizar nas práticas educativas as características femininas e masculinas, as quais não são biológicas e sim sociais e históricas, pois estas são apreendidas e ensinadas ideologicamente pela socialização das pessoas. Socialização, segundo Whitaker (1988), é o processo pelo qual as pessoas internalizam a cultura - modelos, crenças, valores -, a qual está, muitas vezes, obscurecida pela ideologia. É necessário refletir sobre os aspectos ideológicos do processo de socialização, os quais reproduzem a inferiorização da mulher, e afirmar os elementos da cultura, que favorecem a humanização.

---

<sup>5</sup> É importante ressaltar, como destaca Cherfem (2009), que a questão é qualitativa e não quantitativa, pois uma mulher negra não é duplamente discriminada, por isso não é uma soma de discriminação, mas determinações de qualidades que fazem que da situação desta mulher mais complexa na nossa sociedade.

Neste contexto de submissão e opressão feminina, destacam-se alguns aspectos de exclusão enfrentados pelas mulheres, como: desvalorização dos trabalhos tidos como femininos que foram ao longo do tempo invisibilizados; remuneração menor às mulheres quando exercem a mesma função que os homens; maior escolaridade para obterem os mesmos postos de trabalho ocupados por homens; negação histórica do acesso à educação escolar às mulheres pobres; violência contra a mulher (física, psicológica, moral, patrimonial).

As desigualdades entre homens e mulheres, e entre as próprias mulheres, acontecem em muitos âmbitos da vida, dentre eles o cotidiano do mundo do trabalho, no qual as desigualdades determinam uma divisão sexual do trabalho.

Tal divisão determina atividades e papéis específicos de mulheres e homens nas atividades do mundo do trabalho. Para Chêfem (2009), essa divisão se estrutura em torno do trabalho reprodutivo (trabalho relativo ao lar e determinado às mulheres, embora hoje as mulheres também ocupem o trabalho produtivo, o reprodutivo ainda é tido como obrigação) e produtivo (trabalho valorizado socialmente, remunerado economicamente que atribui prestígio social a pessoa que realiza).

A autora problematiza também a questão do trabalho reprodutivo, desenvolvido pelas mulheres historicamente, destacando o fato deste não ter sido admitido como trabalho, pois o trabalho considerado socialmente são as atividades produtivas, as quais vêm sendo desenvolvidas pelos homens. A partir disso, há uma idéia de que as mulheres estão no mundo do trabalho há pouco tempo, idéia que se vincula também à não remuneração das atividades desenvolvidas.

Neste sentido, segundo a autora, é que o trabalho invisível desenvolvido pelo sexo feminino foi se tornando cada vez mais desvalorizado. Ainda hoje, quando alguma profissão passa a ser realizada por mulheres, é considerada fácil e estas recebem um salário menor que os dos homens, apesar de exercerem a mesma função, como ressalta Chêfem (2009) ao destacar os dados da Organização das Nações Unidas. Outro fator que advém deste contexto histórico é que as mulheres têm que estudar mais tempo para atingir as mesmas colocações profissionais dos homens.

Como uma das respostas a tal contexto, a economia solidária vem se tornando uma possibilidade para que as mulheres estejam de forma igualitária no mundo do trabalho. A socialização das mulheres possibilita a mobilização coletiva aproximando-as dos valores da economia solidária e favorecendo a organização delas em empreendimentos solidários, *segundo Guérin (2005) citada por Chêfrem (2009:58)*:

*As mulheres são as primeiras a se mobilizar e a se autoorganizar diante de situações de necessidades e desemprego. Isso porque atividades coletivas são práticas de muitas mulheres ao longo de sua socialização, encontrando identificação na forma de organização dos empreendimentos solidários*

Os movimentos de luta pela terra, com destaque ao MST, também possuem, ao longo de sua história, uma postura de cooperação maior do que outros setores da sociedade, como destaca Pereira (2009). Por isso, assentadas/os possuiriam uma maior facilidade e confiança para se organizarem em empreendimentos solidários.

A economia solidária se destaca como possibilidade não apenas para as mulheres assentadas, mas também para os assentados, por ser uma forma de organização autogestionária, com princípios que pensam, além da solidariedade, o consumo consciente e a pequena organização produtiva e de geração de renda. Assim, como afirma Paul Singer (2008), é uma alternativa de modo de produção, que se caracteriza pela igualdade, solidariedade e autogestão (democracia deliberativa, posse e controle coletivos dos meios coletivos de produção, adesão livre, voluntária e esclarecida). No Brasil, a economia solidária se tornou uma das alternativas para os excluídos, pois propõe outra forma de economia, baseada na solidariedade, que se inicia nas relações de trabalho e flui para as outras relações sociais, sustentando o paradigma do desenvolvimento como liberdade. Ou seja, o desenvolvimento centrado no humano, na justiça do bem viver para todos/as, e não no lucro e acumulação de capital (SEN, 2000).

Para Asseburg e Gaiger (2007), a economia solidária é um espaço de construção de outras identidades sociais como os sujeitos coletivos, pois ela possibilita a reconstrução da identidade cidadã com preceitos como igualdade, justiça e liberdade. Portanto, a economia solidária está além da geração de renda possibilitando também mudanças nas relações interpessoais e com o meio ambiente.

Neste sentido, as pessoas se educam instrumentalmente para a autogestão sustentável de seus empreendimentos, e também nas novas relações estabelecidas e, ao refletirem sua realidade, geram alternativas criativas para superação dos seus problemas, mobilizando-se para a transformação.

O projeto de extensão ao qual se dedica este artigo é exemplo do argumentado. Juntas, as mulheres têm conseguido avanços na consolidação de uma estrutura produtiva para desenvolver sua atividade econômica e também têm criado espaços para

formação social e política, como a sala para educação de Jovens e adultos e o Grupo de Mulheres<sup>6</sup>, aumentando suas garantias educativas e também de sobrevivência material.

Tais espaços de reflexão possibilitam que as pessoas possam transformar suas ações, a partir da conscientização intersubjetiva, ou seja, possam pensar como querem se relacionar com as outras pessoas e possam guardar coerência entre o desejado e a ação realizada. Assim, podem sair da ação automática das relações de desigualdades de gênero naturalizadas, buscando relações que sejam de fato igualitárias, não sexistas e não mantenedoras dos modelos impostos de feminino e masculino, as quais vêm sendo alicerce para a histórica marginalização feminina.

A argumentação realizada até aqui serve de base para a compreensão do diálogo e ações estabelecidos junto ao grupo de mulheres solidárias “Alimento e Vida” no projeto de extensão em pauta, sobre o qual passamos a discorrer.

### **3. O projeto de extensão: processo, resultado e análises**

O assentamento Horto Aimorés, localizado entre os municípios de Bauru e Pederneiras/SP, foi legalizado em 2007, após 3 anos de ocupação feita por 341 famílias, que transformaram a terra de exploração (grilada) em terra de trabalho. No entanto, mesmo com a conquista da terra, faltava a garantia de alguns direitos sociais, como moradia, saneamento básico, energia, auxílio à produção, acesso à saúde e à educação. Diante da pressão política exercida pelas organizações dos/as assentados/os, tais direitos tem sido forçosa e lentamente garantidos junto ao Incra e às prefeituras locais. O assentamento conseguiu, no ano de 2009, financiamento para moradias (em processo de autoconstrução) e o fomento para a produção, bem como a implementação de uma escola de ensino básico, recentemente inaugurada. No entanto, vale ressaltar que alguns direitos sociais ainda estão sendo negligenciados a esta população.

É nesta realidade que as mulheres estão inseridas, e neste contexto do assentamento podemos identificar também a existência da violência contra a mulher, a

---

<sup>6</sup> O Grupo de Mulheres é um espaço de reflexão e ação, por meio do diálogo entre mulheres, com o objetivo de estabelecer laços de solidariedade e trocar experiências para a construção de alternativas nos espaços onde possam estar representadas. Partindo dos conhecimentos, experiências e interesses das participantes, nesses grupos serão dialogados temas variados, seguindo as necessidades apontadas pelas mulheres assentadas. O Grupo de Mulheres acontece uma vez por mês e tem duração de aproximadamente duas horas.

percepção do trabalho feminino como ajuda e a desqualificação das capacidades femininas de participação de organizações coletivas e tomadas de decisões.

A partir de uma pesquisa de mestrado<sup>7</sup> realizada por um membro do NIASE, foi que o Núcleo conheceu o histórico deste assentamento e recebeu de um grupo de mulheres assentadas a demanda pelo desenvolvimento de alguma atividade para refletir sobre o ser mulher, motivadas pelas atividades do mês da Mulher (março). Assim, em atendimento à demanda, e na tentativa de contribuir para a superação deste contexto, foi que realizamos a oficina “Mulheres em Solidariedade: organização feminina em diferentes contextos”. Tratou-se de uma atividade educativa às questões de gênero, a qual, após denunciar as raízes históricas da exclusão feminina, apresentava várias iniciativas de êxito no combate à violência e exploração da mulher, com destaque às iniciativas de economia solidária. Como desdobramento de tal oficina, 18 assentadas incrementaram sua demanda ao NIASE, reivindicando apoio para a efetivação de um grupo de geração de trabalho e renda, específico para mulheres. A partir desta demanda, o núcleo iniciou o projeto de extensão “Economia Solidária e Aprendizagem Dialógica: Organização Feminina em Assentamento Rural”, o qual começou tendo encontros semanais com as assentadas.

Este projeto se desenvolveu no sentido de contribuir com apoio comunicativo, reflexivo e intersubjetivo, possibilitando espaços para a difusão do conhecimento científico como instrumento de luta para as assentadas e também articulando a aprendizagem profissional, escolar, social e pessoal das assentadas e dos estudantes e acadêmicos /as que envolvidas/os.

Como a equipe envolvida em tal projeto não é composta por todas as áreas de conhecimento, o projeto auxilia o grupo de mulheres na articulação com outras instituições e órgãos sociais que possam contribuir com a formação e apoio ao grupo. É importante ressaltar que todas as ações do projeto se baseiam na aprendizagem dialógica. Em termos metodológicos, o desenvolvimento do projeto ocorreu, num primeiro momento, com a identificação dos sonhos, objetivos e desejos das mulheres. Já num segundo momento, passamos à eleição de prioridades, sendo mais primordial a questão da renda pela economia solidária, no intuito de atender às necessidades imediatas e objetivas da vida. Assim, houve a realização de uma sensibilização sobre esta economia pontuando a importância da participação e da autogestão nas relações e

---

<sup>7</sup> Pereira, K.A. (2009) “Economia solidária e aprendizagem dialógica: práticas de participação e autogestão em assentamento rural e necessidade de outra EJA”, Dissertação de mestrado defendida junto ao CECH/UFSCar., São Carlos.

na produção solidária. A partir da sensibilização, o grupo compreendeu a importância da formação escolar e profissional passando estas a serem também prioridades

Assim, com os eixos principais de trabalho definidos e o grupo se constituindo como grupo de mulheres que teriam como temas transversais a educação e as questões de gênero, a equipe de extensão passou a apoiá-las para o estudo de viabilidade econômica de uma atividade produtiva que fosse compatível com as condições e recursos materiais precários que possuíam, que aproveitasse as potencialidades das assentadas e os recursos naturais disponíveis no assentamento (ovos, leite, mandioca, ervas etc.), e que também houvesse um público consumidor. Neste sentido a atividade produtiva escolhida foi à produção de panifícios diversificados, que seriam comercializados sob encomenda, junto às/aos assentadas/os e às pessoas da cidade.

Desde o início o grupo se preocupou com a qualidade nutricional do produto que iriam produzir, e a partir dessa preocupação, o grupo realizou uma oficina de criatividade para decidir o nome do grupo que passou a se chamar Grupo de Mulheres Solidárias “Alimento e Vida”.

A equipe passou à apoiá-las para conseguir a estrutura mínima para iniciar o trabalho. O grupo buscou apoio de uma igreja e o local de produção passou a ser uma casa coletiva do assentamento, cedida às mulheres em regime de cessão de uso, em assembléia geral no assentamento. Juntamente à estas articulações o grupo buscou capacitação e pesquisou de pães que não eram ofertados no mercado e que também eram preferência dos consumidores, definindo, assim, uma variedades de pães como: ervas, temperos, inhame com alho, mandioca, integral e rosca de goiabada.

Com o crescimento da produção foi se estabelecendo a necessidade de realizar acordos para o trabalho solidário. A equipe de extensão apoiou junto ao grupo a construção de um Acordo de Participação, respaldando-se nos princípios da aprendizagem dialógica e da economia solidária.

O grupo de mulheres e a equipe de extensão buscaram articulações com outras instituições de ensino superior e prefeituras para suprir outras demandas de formação para a continuidade do empreendimento. Houve a instrumentalização de aspectos da gestão para que o grupo desenhasse um fluxograma da cadeia produtiva do pão, e foi estabelecida uma divisão de tarefas por equipes como: vendas, encomendas; estoque, compras; limpeza; produção dos pães; administração. Cabe aqui destacar o trabalho de extensão desenvolvido pela Universidade do Sagrado Coração (USC), instituição filantrópica de Bauru/SP cuja coordenaria de extensão tem se mobilizado em

apoio comprometido junto às mulheres do grupo , assessorando-as em temas como: designer de pão, nutrição, adequação sanitária da cozinha, etc.

A partir destas demandas notou-se a importância da escolarização básica de algumas mulheres, assim, buscamos articulações com o poder público local, para a implementação de sala de EJA no assentamento.

Neste momento do projeto, o NIASE e o grupo de mulheres se depararam com algumas dificuldades como: orçamento do NIASE para deslocar sua equipe de São Carlos à Bauru e a restrição de sua composição disciplinar; a ideologia machista de poder de alguns dos militantes do assentamento, que passaram a exercer pressão na tentativa de desarticular o grupo de mulheres. Algumas mulheres acabaram por deixar o grupo por conta de não se sentirem apoiadas pelos maridos, entre outros motivos. A falta de infra-estrutura produtiva do grupo de mulheres e a conseqüente dificuldade de produção também confluíram para algumas desistências.

Com tais dificuldades surgindo, o grupo de mulheres junto com o NIASE buscaram outras alternativas como: editais e financiamentos para suprir as necessidades de infra-estrutura produtiva do grupo de mulheres e do deslocamento da equipe; Buscou-se vias de participação política para que as necessidades pudessem ser assistidas pelos devidos órgãos governamentais; formação e participação no movimento da economia solidária.

No ano de 2010 o NIASE conseguiu um financiamento pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFSCar para dar continuidade ao projeto de extensão. Nesta nova estrutura, o projeto passou a se chamar “Economia Solidária e Aprendizagem Dialógica em Assentamentos Rurais: práticas econômicas, culturais e educativas com organizações produtivas de mulheres” e incluiu no projeto de extensão, também a demanda do Assentamento Santa Helena, no qual o Núcleo também vem desenvolvendo atividades relativas a Educação de Jovens e Adultos junto às mulheres.

Atualmente, as dificuldades enfrentadas pelo grupo de mulheres solidárias “Alimento e Vida” são:

- Necessidade de formação nas diversas áreas do conhecimento implicadas no projeto de extensão; dificuldades orçamentárias do Niasse para deslocar sua equipe frequentemente de São Carlos à Bauru e a restrição de sua composição disciplinar, mesmo com o financiamento, pois o núcleo pode estar apenas uma vez por mês em reunião com o grupo de mulheres. Em contraponto a Universidade do Sagrado Coração (Bauru), já esta atuando junto ao grupo de mulheres dando respaldo à proposta das

mulheres, ofertando oportunidades formativas em gastronomia, nutrição, *designer*, administração e arquitetura (para adaptar a casa em cozinha semi-industrial);

- Diante da necessidade de melhoria da infra-estrutura produtiva, bem como de aumento da capacidade de geração de renda do empreendimento, além da dificuldade de apoio dos órgãos competentes, buscou-se aumentar a interlocução com o Incra, pesquisando suas linhas de financiamento – uma linha de fomento à organização produtiva coletiva de mulheres está em liberação. Buscou-se também conhecer as formas de pressão política via participação em conselhos municipais de assistência social e educação;

- Por diferentes motivos, entre eles a falta de apoio dos maridos, algumas mulheres deixaram o grupo Alimento e Vida. Frente a esta diminuição do grupo, as mulheres do “Alimento e Vida” deliberaram pela expansão gradativa e comunicativa (quem entrar deve partilhar do modo de trabalho e dos acordos de participação e não pode querer beneficiar-se do dinheiro vindo pelo Incra para ações pessoais). Também têm se inserido fortemente no movimento da economia solidária, formando-se em seus princípios e possibilidades para difundirem este conhecimento junto às companheiras, incluindo-se em feiras, como espaços de aprendizagem e comercialização. Paralelamente, o grupo escolheu realizar “Grupos de Mulheres<sup>8</sup>”, no sentido de fortalecerem os laços de solidariedade para prevenção da violência de gênero em toda e qualquer forma;

- as relações pessoais estabelecidas no grupo, já que estamos numa sociedade capitalista e há uma dificuldade das pessoas conseguirem estabelecer o diálogo, a solidariedade e a autogestão no seu cotidiano de trabalho, no entanto estas mulheres estão superando tais problemas pelo diálogo, nas argumentações e possibilidades de superação, buscando educar-se nas relações e também buscando coerência nas suas falas e ações.

Tais mulheres estão percebendo que somos condicionados e não determinados e que é necessário criar mecanismos para superar tais condicionamentos de forma reflexiva e crítica. O projeto possibilita, pela aprendizagem dialógica e a forma de organização das reuniões, o exercício da escuta, da fala e do silêncio reflexivo. Os encontros sempre são moderados por uma pessoa que ajuda a compor a pauta, relembra

---

<sup>8</sup> Ao falarmos em Grupo de Mulheres referimo-nos ao grupo educativo organizado para reflexão das questões de gênero e de temas exclusivos da vida feminina, elencados como importantes para as mulheres naquele contexto. Os chamados grupos de mulheres também seguem as bases da aprendizagem dialógica e buscam o diálogo entre mulheres, em solidariedade, a fim de ampliar as suas possibilidades de escolha, de conquista de direitos e de atuação no mundo, diante de uma realidade histórica de desigualdades.

a importância do registro da ata, realiza a organização das falas dando prioridade aquelas pessoas que ainda não falaram. Esta forma de organização com moderação e registro em ata (inicialmente ocupado pelas/os universitárias/os), foi combinada junto com as assentadas.

Com relação às contribuições teóricas do feminismo dialógico, é possível analisar que este grupo de mulheres solidárias está se educando na direção da emancipação e autonomia feminina, e, em diálogo, aprofundam nos temas da economia solidária, ampliando suas possibilidades de trabalhos de forma libertadora, pensando a alimentação de qualidade e o consumo consciente.

Em diálogo com as mulheres assentadas, verificamos que os processos educativos constituídos em sua prática de economia solidária são trasladados para as relações sociais e familiares, alterando gradativa e lentamente as relações de gênero vividas nestes contextos.

Com a explicitação de tais resultados, não negamos que grupo de mulheres ainda enfrenta muitas dificuldades, quais sejam: a inexistência de um órgão ou instituição que possa auxiliá-las num processo de incubação efetivo e também de conquista da infraestrutura produtiva adequada a dificuldade de diálogo diante de algumas situações de conflito. Neste sentido, o NIASE vem realizando reuniões mensais com as mulheres e a partir dos instrumentos que possui enquanto núcleo universitário busca auxiliar o grupo nas superações de tais problemas.

Percebemos que estas mulheres estão juntas construindo e transformando a realidade em que vivem por meio da autonomia e emancipação ativa que foram ao longo das interações e processos do grupo fortalecendo e desenvolvendo. Notamos também a importância de que estas mulheres tenham esses espaços educativos para poderem se formar e fortalecer a luta do movimento solidário e feminista.

Neste sentido, como afirma Freire (1999), é de fundamental importância que os oprimidos estejam participando ativamente na busca por sua libertação, ou seja, não é possível que os opressores libertem os oprimidos porque a consciência é fator determinante na prática libertadora. Assim é importante que o indivíduo esteja consciente de porque quer agir de tal forma no mundo e se quer se libertar por qual motivo. Para Freire “a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. (...)” (FREIRE, 1987, p.18)

Portanto, entendemos que não podemos perder de vista nas interações a ponte com a ação efetiva dos sujeitos, pois só com o desenvolvimento da emancipação ativa é que as interações estarão de fato dialogando e problematizando as relações de poder existentes na sociedade.

#### **4. Considerações finais**

Este artigo se propôs apresentar os obstáculos e os elementos transformadores do projeto de extensão desenvolvido pelo Niase, com o Grupo de Mulheres “Alimento e Vida”, bem como trazer o feminismo dialógico como escola teórica e política na luta dos movimentos de mulheres organizadas solidariamente como o referido grupo.

Assim, por meio das argumentações realizadas, evidenciamos que a aprendizagem dialógica, bem como o feminismo dialógico possibilita o desenvolvimento da autonomia, fortalecimento social e instrumentalização de mulheres para construir e lutarem por seus sonhos, desejos e objetivos e se colocarem no movimento solidário e feminista atuando na superação das ideologias capitalistas e machistas. A importância de movimentos de mulheres em solidariedade é histórica e, foi a partir desta luta organizada das mulheres em movimentos próprios que a autoridade masculina e as exclusões entre os sexos foram denunciadas como uma construção social injusta e vem ao longo do tempo sendo transformadas pelas mulheres.

Observamos também que as transformações impulsionadas no cotidiano das mulheres têm como consequência transformações nas relações que elas estabelecem, por exemplo, com os familiares e com outras pessoas de suas redes de vivências, bem como dentro do próprio assentamento e na sociedade em geral quando estas mulheres saem em busca de efetivações de seus direitos sociais. Assim, percebemos a importância da inclusão das vozes das mulheres rurais nos discursos feministas, pois estas mulheres estão compondo o movimento na sua base e transformação cotidiana.

Também ressaltamos a economia solidária como possibilidade de transformação das relações de trabalho existentes na sociedade atual, possibilitando práticas solidárias, dialógicas, e de emancipação das pessoas envolvidas, bem como possibilidade para a superação da divisão sexual do trabalho e das relações de poder existentes no mundo do trabalho em relação às questões de gênero.

Compreendemos que a luta pela liberação feminina é uma luta conjunta de todas as mulheres que desejam melhorar suas formas de vida, superando a autoridade

masculina, não invertendo as relações de poder, mas transformando-as em relações igualitárias. Assim, entendemos o feminismo dialógico como uma possibilidade de reafirmação da mulher enquanto protagonista social, na busca de que as mulheres possam escolher como querem viver e sejam de fato respeitadas por suas escolhas.

## Referências

- ASSEBURG, H. B.; GAIGER, L. I. (2007) A Economia Solidária diante das Desigualdades. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 50(3):, 499 a 533.
- CHERFEM, C. O. (2009) “Mulheres marceneiras e autogestão na economia solidária: aspectos transformadores e obstáculos a serem transpostos na incubação em assentamento rural”, Dissertação de mestrado defendida junto ao CECH/UFSCar., São Carlos.
- COELHO, M. N. (2008) Memórias de Angola e vivências no Brasil: educação e diversidades étnica e racial. / Marciele Nazaré Coelho. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos.
- FLECHA, R. (1997) “Compartiendo Palabras: el aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo”, Paidós., Barcelona.
- FREIRE, P. (1999). *Pedagogia da autonomia*. 12ª ed .São Paulo: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 17ª ed.
- HABERMAS, J. (1987) Teoría de la Acción Comunicativa”. *Racionalidad de la acción y racionalización social*, Taurus., Madrid. Vol 1.
- MELLO R. R. de. (2003) Aprender a ler e a escrever: sonho e coragem de mulheres, *II Encontro sobre Prática de Leitura, Gênero e Exclusão*, Campinas, Universidade de Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2005) Aprendizagem dialógica: base para a alfabetização e para a participação, *Cadernos de Extensão UFRR.*, Boa Vista.
- \_\_\_\_\_. (2006) Metodologia de Investigação Comunicativa: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola para todos e todas. Caxambu: ANPED: GT Movimentos Sociais e Educação. 17 p.
- PEREIRA, K.A. (2009) “Economia solidária e aprendizagem dialógica: práticas de participação e autogestão em assentamento rural e necessidade de outra EJA”, Dissertação de mestrado defendida junto ao CECH/UFSCar., São Carlos.
- SINGER, Paul (2002). *Introdução à Economia Solidária/Paul Singer-1ª ed.* – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- \_\_\_\_\_.(2004) Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. *Estudos Avançados*. vol.18 no.51 São Paulo Maio/Ago.
- \_\_\_\_\_. (2008) Economia solidária: Entrevista com Paul Singer. Paulo de Salles Oliveira (org). *Estudos Avançados* 22 (62).
- PUIGVERT, L. (2001) “Las otras mujeres”, *El Roure.*, Barcelona.
- SAFIOTTI, H. I. B. (2004) “Gênero, Patriarcado, Violência”, Editora Fundação Perseu Abramo., São Paulo.
- WHITAKER, D. (1988) *Mulher & homem o mito da desigualdade*. São Paulo: Editora Moderna..
- SEN, Amartya Kumar. (2000) *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.